*Condições de Trabalho no Relatório*
*dos Comissários do Trabalho Infantil*

*"O presente inquérito reuniu, também, uma grande quantidade de provas sobre os diversos aspectos das condições das fábricas, que exercem importante influência na saúde dos trabalhadores, adultos e crianças.*

*Nas fábricas antigas e pequenas o relato uniforme é: suja; mal ventilada; mal drenada; sem banheiros ou vestuários; sem exaustores para a poeira; maquinaria solta; passagens muito estreitas; alguns tetos são tão baixos que se torna difícil ficar em pé no centro da sala.*

*Disto resulta:*

*Que as crianças empregadas em todos os ramos de manufatura do Reino trabalham o mesmo número de horas que os adultos.*

*Que os efeitos de trabalho tão prolongado são: a deterioração permanente da constituição física; a aquisição de doenças incuráveis; a exclusão (por excesso de fadiga) dos meios de obtenção da educação adequada.*

*Que, na idade em que as crianças sofrem prejuízos com o trabalho, elas ainda não são emancipadas, sendo alugadas a seus salários recebidos pelos pais ou responsáveis."*

(Report of Comissioners on the employment of children in factories (1832), in Parliamentary Papers, 1833, XX, citado por Azevedo e Darós, no livro "A história dos povos: sociedade mundial moderna e contemporânea", Volume 4, p.123)

# O Trabalho no Capitalismo

## Alienação e Desumanização

Escola de Formação Básica
Multiplicadora da Economia Popular Solidária

# O trabalho no capitalismo

## Alienação e Desumanização

Escola de Formação Básica
Multiplicadora da Economia Popular Solidária

"A Liberdade guiando o povo", Eugène Delacroix.

# Sumário

**Apresentação ..... 5**

Como se produz riqueza? ..... 5

Desconstruindo o velho, para reconstruir o novo ..... 8

**A Idade Moderna e o capitalismo ..... 11**

Surge um novo modo de produção - o capitalismo ..... 12

Mudou o sistema, não a exploração ..... 15

As ideias e as práticas se chocam ..... 17

Revoltas e contradições ..... 19

**O processo de trabalho no Capitalismo ..... 23**

Divisão do trabalho e manufaturas ..... 23

A constituição do homem-máquina ..... 26

A esteira elétrica determina o ritmo do trabalho ..... 28

A utilização das máquinas pensantes ..... 32

Mentiras que se tornam verdades ..... 36

Como se dá a exploração capitalista ..... 39

A acumulação de capital através da mais-valia ..... 42

A ambição do capitalista pela mais-valia é insaciável ..... 44

A desumanização pela alienação ..... 46

A exploração do trabalho da mulher e da criança ..... 48

**Considerações finais ..... 51**

**Referências Bibliográficas ..... 54**

**Quem foi Karl Marx? ..... 56**

# Apresentação

*"Vários autores têm demonstrado que a exclusão se reporta aos grupos sociais que foram desalojados socialmente: os chefes de família desempregados, as minorais étnicas, os jovens sem possibilidades de entrar para o mercado de trabalho, as mulheres em ocupações precárias e com tempo parcial, os migrantes,, os velhos desprovidos de seguridade social, etc. Esse seria o perfil dos novos pobres. São assim chamados não em razão dos baixos rendimentos, aquém de suas necessidades de sobrevivência, mas em razão de lhe serem vedadas as oportunidades de incorporação no tecido social, gerando as bases para a exclusão dos seus direitos. Para esses excluídos, impõe-se a miséria do mundo, do sentimento de seres desgarrados, à margem do meio social em que vivem. Sào a ponta mais fragilizada daqueles que Marx caracterizou como 'os que não têm mais nada a perder'".*

(Ricardo Antunes e Maria A. Moraes Silva,
"O avesso do trabalho", 2004, p. 11)

Nós do CEFURIA, temos o prazer de apresentar a todos e todas, militantes sociais, educadores e educadoras populares, trabalhadores e trabalhadoras de todas as áreas de produção da vida humana, este terceiro caderno da série "História Social do Trabalho". Num primeiro momento, ele serve como subsídio à terceira etapa

da Escola de Formação Básica Multiplicadora da Economia Popular Solidária, cujo objetivo fundamental é propor às lideranças comunitárias e populares que realizam trabalho de base, coordenadores e coordenadoras dos clubes de trocas e outras experiências de geração de trabalho e renda, uma reflexão sobre suas práticas à luz de teorias que têm na categoria trabalho o eixo articulador de suas idéias.

Mas, de que trabalho estamos falando? Se a palavra trabalho tem sua origem num instrumento de tortura utilizado pelo império romano para obrigar os escravos a trabalharem construindo palácios, estradas, etc., como vimos no segundo caderno de nossa série; ou mesmo, se é um meio de exploração do homem pelo homem como veremos neste, o trabalho também é atividade vital, ou seja, atividade construtora de vida humana. Historicamente, as classes dominantes, utilizam-se do trabalho para submeter a maioria da população e acumular riquezas para si, seja através dos instrumentos de tortura, das armas ou de salários, mas isto não significa que sempre foi assim ou sempre será. A verdade fundamental é que a única forma de produção de riquezas ou bens necessários à satisfação das necessidades humanas é o trabalho, o trabalho humano criador, transformador da natureza e dos objetos e, neste sentido, construtor da própria humanidade, do ser humano enquanto tal.

## Como se produz riqueza?

Nas sociedades comunais, também conhecidas como comunidades primitivas, os frutos do trabalho eram, e são ainda hoje nas comunidades indígenas, distribuídos igualitariamente; não serviam à acumulação de bens por alguns, mas à satisfação de todos. A divisão do trabalho se dava em função da idade e do sexo principal-

mente, mas não significava meio de dominação. A produção de excedente é que foi, gradativamente, gerando o "gosto pela acumulação e pelo mando" e com ele o aparecimento da propriedade privada dos meios de produção – a terra, os instrumentos de trabalho e, finalmente, o próprio conhecimento.

Não há riqueza sem trabalho humano. Uma mina de ouro não vale nada se permanecer intacta. É a extração, o garimpo, e a transformação do metal ouro em objetos e, portanto, o trabalho embutido nestes objetos, que lhe confere valor. As máquinas são apenas extensão dos braços humanos e hoje, com o computador, de parte das atividades do cérebro humano. Mas as máquinas não criam nada, elas realizam apenas o que homens e mulheres determinam que elas realizem, seja utilizando-as diretamente, seja através de um programa computadorizado.

As máquinas não cheiram, não sentem o calor do tato, não ouvem, não vêem, não amam. Um programa de computador pode reconhecer uma voz humana, mas ele não se faz por si mesmo, ele não prescinde de seu criador. As máquinas foram e continuam sendo construídas pelos homens, mesmo que através de outra máquinas; e são resultado de todo o conhecimento humano desenvolvido histórica e socialmente. Portanto, as máquinas e todos os meios de produção da vida humana, são patrimônio da humanidade, de toda a humanidade, e não apenas de alguns donos de patentes[1] . Aliás, a própria noção de propriedade, hoje naturalizada, foi criada pelo homem. A natureza ou Deus, não nos concederam escrituras ou títulos de propriedade. Uma lei, um contrato, são construções humanas que se injustas, precisam e devem ser revistas, refeitas, reelaboradas.

[1] Patente é a propriedade do direito de uso de um invento, uma técnica, uma descoberta. E é regulamentada por leis e convenções nacionais e internacionais.

Não são verdades eternas. As leis, as normas, as instituições, devem servir às pessoas, a todas as pessoas, e não o contrário.

Há muita hipocrisia sustentando a ordem social atual. Há muita mentira que acaba virando verdade, de tanto serem repetidas aos nossos ouvidos e mentes, através dos meios de comunicação. Porque aqueles que se assustam, quando os pobres se organizam para ocupar uma terra para trabalhar ou morar, uma fábrica para trabalhar, ou um supermercado para comer, defendendo a propriedade privada como um direito sagrado, não fazem a mesma defesa deste direito sagrado, para que todos tenham casas onde morar, hospitais para internar seus filhos quando se acidentam ou contraem uma doença grave, escolas de qualidade para que seus filhos também possam se tornar médicos, engenheiros, advogados, jornalistas...?!

## Desconstruindo o velho, para reconstruir o novo

É preciso desnaturalizar essas idéias institucionalizadas, é preciso desvelá-las, desconstruí-las! Este é o papel fundamental, de educadoras e educadores populares: desconstruir crenças e idéias elaboradas num determinado momento da história humana e que aparecem às novas gerações como verdades absolutas, dons de Deus ou da mãe natureza. Que mãe ou pai seria capaz de destinar dois terços de seus filhos à miséria absoluta? Que mãe ou pai seria capaz de deixar seus filhos desprovidos dos meios de existência? Tirar o véu de aparência que esconde a realidade concreta, ajudar a ler as palavras e o mundo, é o nosso papel enquanto educadores e educadoras populares. Pesquisar, investigar, buscar as informações corretas, contar as verdades que a mídia não conta, dialogar, problematizar a realidade é nossa tarefa. Por isso elegemos Paulo

Freire e sua pedagogia libertadora para nos iluminar nesta caminhada em busca de um mundo justo, sem oprimidos ou opressores, sem exploradores ou explorados. Por isso dedicamos a primeira etapa de nosso curso ao estudo de suas idéias e de suas práticas[2] .

Da mesma forma, estamos partindo dos estudos de Marx[3] para entender o mundo do trabalho, para desconstruir as idéias que a classe dominante, a mídia e seus intelectuais elaboram para justificar a ausência de trabalho digno para a maioria das pessoas que já tem idade de trabalhar. Idéias que tornam natural o fato de famílias inteiras se arrastarem pelas ruas da cidade coletando lixo para não morrer de fome. Idéias que tornam criminosos pais que vendem discos ou cigarros nas esquinas a fim de garantir o sustento de seus filhos. Idéias que justificam o fato de que dentre os mais de um milhão de jovens que atingem idade de trabalhar por ano, apenas alguns poucos conheçam o significado de um trabalho digno que os permita sonhar em construir uma família, um lar para viver e ser feliz junto às pessoas que amam[4] .

---

[2] Você pode relembrar os ensinamentos de Paulo Freire, relendo o caderno nº 1 desta série "História Social do Trabalho", publicado pelo CEFURIA com o título: "A pedagogia de Paulo Freire: uma pedagogia humanizadora", além é claro, de seus próprios escritos, dos quais o livro considerado clássico "Pedagogia do Oprimido".

[3] Veja biografia de Karl Marx na página 56.

[4] "O nível de desemprego na juventude é superior a 30%. Uma extraordinária energia produtiva, que existe em potencial à procura de emprego, é desperdiçada e condenada à inutilidade. A tragédia social da desocupação fornece combustível à violência. O sistema econômico e político atual {capitalismo] não garante à juventude o direito ao estudo e ao trabalho, expondo-o à ociosidade, à miséria, à humilhação e a uma propaganda consumista perversa que faz do jovem desempregado um alvo fácil para traficantes que lhe oferecem como alternativa um posto no exército das drogas e do crime organizado". (Texto extraído da Cartilha da Campanha pela Valorização do Trabalho, da Coordenação dos Movimentos Sociais, 2004, p. 5)

Finalmente, este terceiro caderno da série "História Social do Trabalho", quer ser mais um subsídio que ajude na reflexão sobre o mundo atual e na ação transformadora da realidade. Quer contribuir com a construção de homens e mulheres novos. Com educadores e educadoras que se percebem em permanente construção. Quer ser um instrumento nas mãos de semeadores de utopias que junto com o poeta e educador popular Fábio Fonseca, da Paraíba, dizem:

*Somos semeadores de utopias*
*E plantamos no chão,*
*Sementes de auroras e manhãs.*
*A primavera não está morta*
*Como querem os cínicos.*
*O nosso reino, ainda é um porvir*
*E dele somos artífices,*
*Com nossas mãos, com nossas mentes, com nossos pés.*
*A liberdade espera que a libertemos*
*E cantemos com ela,*
*Canções de louvor a um mundo novo*
*Onde nem homens, nem mulheres*
*Serão mais escravos.*
*Seremos homem novo e nova mulher,*
*Nessa manhã que será sempre domingo.*
*E operários e camponeses*
*Celebrarão a festa da colheita e da construção.*
*Sem medo da dor, sem correntes nas mãos*
*Sem cativeiros, nem verdugos.*
*Homem novo e manhã nova*
*Esperam*
*Que façamos do sonho a história, da fé a luta*
*Sem medo ou vergonha de ser feliz.*
*E para que mereçamos esse dia*
*Cheio de sortilégios e graças*
*Que se nos dando nos faz*
***valer a pena o nosso Amor!***

# A Idade Moderna e o Capitalismo

Como vimos anteriormente, para compreender o capitalismo, Marx e Engels estudaram o que teria ocorrido nos primeiros momentos da história da humanidade. Embora já tenhamos visto isto no caderno nº 2 desta série, é importante relembrar que no início, os seres humanos "limitavam-se a consumir aquilo que a natureza oferecia já pronto para o consumo e, portanto, era a natureza que comandava os movimentos dos homens. Quando estes desenvolveram uma determinada capacidade de modificar a natureza pelo seu trabalho, o ser humano adquiriu certa independência sobre a natureza. E passou a *produzir* seus meios de subsistência, quer dizer, criou para a sua comunidade uma economia *produtora" (KONDER, p. 63).*

Leila Maria A. Barbosa & Wilma C. Mangabeira,
in A INCRÍVEL HISTÓRIA DOS HOMES E SUAS RELAÇÕES SOCIAIS

Mas como vimos, o desenvolvimento do trabalho não trouxe apenas conseqüências positivas, o próprio regime escravista se beneficiou deste desenvolvimento. A escravidão que, até então, era um modo de produção caro, passou a valer a pena. "E, com a exploração do trabalho escravo, apareceram a primeira forma de divisão social do trabalho e a primeira forma de propriedade privada de uma fonte de produção" (KONDER, P. 64). Com a divisão social do

trabalho e a propriedade privada dos meios de produção, elimina-se a possibilidade de que todos os homens vejam o mundo de uma forma comum. Nasce a ideologia, que é a forma com que uma determinada classe social, entende e vê o mundo. E esta classe, tenta convencer a todos que esta é a única forma ou a forma correta, excluindo todas as outras possibilidades de produção da vida.

Mas sempre ocorrem lutas e várias formas de resistência das classes que são excluídas da ordem vigente. Foi assim que o escravismo antigo foi superado pelo feudalismo, um outro modo de produção, cuja base economia fundamental era o trabalho nos campos. O trabalho agora era realizado pelos servos da gleba ou feudo. Os instrumentos necessários para o trabalho nos campos e para a vida cotidiana, eram produzidos pelos artesãos, que eram trabalhadores pobres que viviam nos burgos ou nos próprios feudos. Os burgos eram os locais das trocas dos excedentes que eram produzidos nos feudos e que foram se transformando em pequenos centros urbanos. Os comerciantes, moradores dos burgos, foram enriquecendo e se tornando uma nova classe que, embora tivesse muito dinheiro, não tinham o poder político, que ainda estava nas mãos dos senhores feudais e do clero.

## Surge um novo modo de produção – o capitalismo

"O crescimento do comércio provou uma grande transformação no mundo. Surgiram estradas e rotas comerciais por toda a Europa. Governos e burgueses promoviam viagens marítimas em busca de alguns produtos raros, para serem comercializados" (CEPIS, p. 33). Foi a época dos 'descobrimentos', das viagens às Índias, da chegada de Cristóvão Colombo na América e dos Portugueses no Brasil,

bem como de espanhóis, franceses, ingleses e holandeses a outros lugares do continente americano, transformando-os em colônias, de onde extraíam suas riquezas e desenvolviam seus países.

É importante lembrar que o capital acumulado na Inglaterra, onde ocorreu a revolução industrial, e outros países ricos foi fruto do saque de ouro e pedras preciosas, acompanhado do extermínio de grande quantidade de povos indígenas e da devastação da América Latina. A divisão internacional do trabalho imposta pelos países ricos, está marcada a ferro e fogo desde desta época[5]. Com a riqueza acumulada os

A acumulação de capitais mercantis foi a principal base da Revolução Industrial.

Azevedo & Darós, A HISTÓRIA DOS POVOS

[5] Há dois lados da divisão internacional do trabalho: um em que alguns países especializam-se em ganhar, e outro em que se especializaram em perder. Nossa comarca do mundo, que hoje chamamos de América Latina, foi precoce: especializou-se em perder desde os remotos

burgueses puderam dar um passo fundamental na mudança do feudalismo para o capitalismo, a implantação das manufaturas. Com as manufaturas inicia-se a expropriação do saber dos artesãos e a divisão do trabalho entre quem projeta e quem executa a produção de uma mercadoria. O trabalhador perde definitivamente (pelo menos até os dias de hoje) o controle sobre o que produzir, como, quando e para quem produzir. Este controle passa a ser gerido pelo capitalista e seus quadros de confiança (supervisores, gerentes, administradores, engenheiros, etc.).

"As manufaturas eram grandes oficinas em que os burgueses forneciam a matéria-prima, os instrumentos de trabalho e todas as condições para a produção, mas ficavam com tudo o que os artesãos produziam em troca de um pagamento. Era o início do trabalho assalariado como o conhecemos hoje, marca registrada do capitalismo" (CEPIS, P. 33).

---

tempos em que os europeus do Renascimento se abalaram pelo mar e fincaram os dentes em sua garganta. Passaram os séculos, e a América Latina aperfeiçoou suas funções. Este já não é o reino das maravilhas, onde a realidade derrotava a fábula e a imaginação era humilhada pelos troféus das conquistas, as jazidas de ouro e as montanhas de prata. Mas a região continua trabalhando como um serviçal. Continua existindo a serviço de necessidades alheias, como fonte e reserva de petróleo e ferro, cobre e carne, frutas e café, matérias-primas e alimentos, destinados aos países ricos que ganham, consumindo-os, muito mais do que a América Latina ganha produzindo-os." (Texto extraído do livro de Eduardo Galeano, "As veias abertas da América latina", p. 13).

## Mudou o sistema, não a exploração

> "*Há apenas uma velocidade eficien-te: MAIS RÁPIDO; apenas um destino atrativo: MAIS LONGE; apenas um tamanho desejável: MAIOR; apenas um objetivo quantitativo racional: MAIS".*
>
> *(*MUMFORD, citado por ENGUITA, p. 20)

Todas as pessoas são iguais, mas nem todas vivem de forma igual. De um lado fartura para uma minoria, de outro lado, do lado dos trabalhadores e trabalhadoras...

Vamos relembrar: o uso da terra para a agricultura ou para a criação de animais gera a posse. Ocorre a fixação das comunidades num determinado território. Alguns são só agricultores, outros só criadores, é o surgimento da propriedade privada.

Aumentando os conhecimentos sobre produção agrícola e criação de animais, homens e mulheres começam a produzir mais do que necessitam, alguns, então, passam a não trabalhar (chefes de tribos, guerreiros, etc.). Começa a divisão do social do trabalho.

Com a divisão do trabalho aparece a troca ocasional de riquezas, para satisfazer necessidades de consumo.

Os feudos europeus produzindo mais que o necessário começam a comercializar com o Oriente (artigos de luxo, pimenta, canela, tecidos de seda).

O objetivo da troca de mercadorias, no início, era a satisfação de uma necessidade (valor de uso) e não o lucro, ou seja, acumulação de capital.

Surge o dinheiro e este de transforma em capital. Passa a ser a medida universal do valor das mercadorias.

Os artesãos perceberam que quanto mais produto houvesse, mais se vendia, porém as técnicas eram muito rudimentares.

Começam a ser inventadas as primeiras máquinas industriais. Máquinas de fiação, teares mecânicos, etc. Alguns mercadores que compravam os produtos dos artesãos e revendiam, acumulando capital, tornaram-se donos das máquinas.

Esses mercadores passaram a produzir mais e melhor que os artesãos com seus ofícios, que pressionados, tiveram que fechar sua pequena oficina e ir trabalhar nas fábricas dos burgueses como assalariados.

O capitalismo nascia, desse jeito, dentro do feudalismo.

Já não estamos no feudalismo, mudou o sistema, mas não a exploração. O excedente era aproveitado por pessoas que não o produziram.

Porém o poder político ainda estava com os senhores feudais; o econômico com os burgueses. A burguesia precisava de maior número de pessoas para o trabalho assalariado, as populações se concentravam no campo dominadas pelos senhores feudais. Em muitos casos senhores e burgueses se alinhavam para governar: revolta de trabalhadores não interessava a nenhuma das partes.

Em outros lugares houve revolução burguesa, pois a nova classe queria também o poder político, como na  França, cujo lema era liberdade, igualdade, fraternidade. Só que, passado o momento da insurreição, a nova classe ascende ao poder e passa a dominar os trabalhadores.

E assim passou para às mãos da burguesia o “direito” de explorar os antigos “servos”. A enorme população que sai dos feudos, agora “sem-terra”, vai para as cidades se sujeitar ao trabalho assalariado, vendendo sua força de trabalho para sobreviver.

Hoje os capitalistas compram a força de trabalho dos operários para que produzam mercadorias e isto não para comprar outras mercadorias, que atendam às suas necessidades, mas para acumular riquezas, para aumentar o capital.

O patrão compra a força de trabalho por um preço que permita a sobrevivência do operário e da família, pois os filhos dos operários e operárias de hoje serão o operariado de amanhã. Ou seja, o salário apenas garante a reprodução da força de trabalho necessária ao capitalista.

## As idéias e as práticas se chocam

Como vimos, a decadência do sistema feudal no final da Idade Média, vai abrindo espaço para o surgimento do sistema capitalista, ancorado pela expansão comercial, patrocinada pelos reis e financiada ou apoiada pela burguesia emergente do rápido crescimento das relações comerciais e do consumo. Com isso, o poder descentralizado dos senhores feudais, faz com que os reis concentrem enorme poder rumo aos grandes Estados Nacionais (Inglaterra, França, Portugal, etc.).

“Em conseqüência do processo de centralização do poder real e de unificação territorial, a maior parte desses Estados evoluiu no sentido da Monarquia Absoluta. Este é o regime em que o rei, encarnando o ideal nacional, possui o poder de decretar leis, de

prestar justiça, de arrecadar impostos, de manter um exército permanente, de nomear funcionários, etc. Foi nos séculos XVI e XVII que se multiplicaram os principais autores de doutrinas que justificavam o Estado Autoritário e o Absolutismo dos monarcas: Maquiavel, autor de O Príncipe e Hobbes, autor do Leviatãn. Tanto o Príncipe, como o Leviatãn defendem a concentração de poder em um só homem" (AQUINO e outros, p. 32).

Até então, a aliança entre reis e burguesia sustentava o mercantilismo, prática comercial orientada à acumulação de metais preciosos (ouro e prata) já que isto era entendido como a única riqueza de uma nação. "Os países poderiam aumentar sua reserva de ouro dedicando-se ao comércio exterior – diziam os mercantilistas –, tendo sempre a cautela de vender aos outros mais do que deles comprar. A diferença do valor de suas exportações, em relação às importações, teria de ser paga em metal. (...) O negócio, portanto, era exportar mercadorias de valor e importar apenas o que fosse necessário, recebendo o saldo em dinheiro sonante. Isso significa estimular a indústria por todos os meios possíveis, porque os seus produtos valiam mais do que os da agricultura, e portanto obteriam mais dinheiro nos mercados estrangeiros" (HUBERMAN, p. 121-122).

A aliança da burguesia com as monarquias absolutistas aumentava sua riqueza, mas o poder político continuava concentrado nas mãos dos reis, pois toda a atividade comercial era controlada pelo Estado, o que significa que o Estado era um monopólio. Isto começou a atrapalhar os negócios da burguesia, que passa a questionar a intervenção do Estado na economia e a própria prática comercial adotada, ou seja o mercantilismo. "Como crítica a esta prática, surge na França, em meados do século XVIII, a primeira corrente de pensamento econômico, a Fisisocracia, que quer dizer reino da natureza. Época na qual a França era essencialmente agrícola. Os

fisiocratas argumentavam que a riqueza de uma nação não está na acumulação de metais preciosos como se acreditava no mercantilismo, mas na produção agrícola e, portanto, a sociedade deveria ser regida por leis naturais, parecidas com as que regem a natureza. Assim, segundo eles, os homens não deveriam se opor à essa ordem natural mediante intervenção externa, criticando assim o intervencionismo estatal praticado no mercantilismo. Os fisiocratas inventaram a frase que identifica o liberalismo até os nosso dias: "deixai fazer, deixai passar, que o mundo anda por si mesmo" (em francês: "laissez-faire, laissez passer, le monde va de lui-même"). Embora se limitassem à França, algumas noções básicas dos fisiocratas foram adotadas pelos economistas liberais ingleses, como Adam Smith e outros. (PEDEX, p. 6; AQUINO e outros, p. 123).

## Revoltas e contradições

Segundo Leo Humberman o ano de 1776, foi um ano notável, um ano de revolta. Foi o ano da Declaração da Independência dos norte-americanos, contra a política colonial mercantilista da Inglaterra. E também é o ano que Adam Smith publica a Riqueza das Nações – súmula da nascente rebelião contra a política mercantilista. Um número cada vez maior de pessoas não concordava com a prática mercantilista porque sofria com ela – os comerciantes, os investidores, os produtores agrícolas, os industriais. "Era de se esperar que a oposição à restrição e regulamentação mercantilista surgisse mais acentuadamente na França,, pois foi nesse país que o controle estatal da indústria atingiu o máximo. (...) O controle demasiado da indústria estimulou a luta pela ausência total de controle". (HUBERMAN, P. 137)

"A França do século XVIII era o palco mais expressivo das contradições do antigo regime. Era lá que os limites feudais mais se chocavam com o desenvolvimento do capitalismo emergente. Tanto que, no fim do século, a burguesia liderando, liderando camponeses e operários, lançou-se contra a nobreza e o clero e assumiu a direção do movimento revolucionário".(AQUINO e outros, p. 118).

Azevedo & Darós, A HISTÓRIA DOS POVOS

Soldados contra operários, em Lyon (1831): "Uma barreira de cadáveres foi levantada entre nós e as autoridades".

"O liberalismo retoma como lema o "deixai fazer, deixai passar" dos fisiocratas, que fundamenta a visão individualista do ser humano em todos os aspectos de sua vida. Claro que esta liberdade individual é defendida apenas para os indivíduos que possuem capital – os proprietários das fábricas e das máquinas, já que o capitalismo, sistema sustentado na ideologia liberal, significou uma nova forma

de escravidão para os trabalhadores, como o demonstrou Karl Marx."(PEDEX, p. 13-14)[6] .

Dois economistas liberais clássicos estudados por Marx para fundamentar sua crítica da economia política foram Adam Smith e David Ricardo. Se o liberalismo é a fundamentação e justificação do capitalismo, o marxismo é uma profunda crítica a este sistema baseado na exploração dos trabalhadores, coisa que para os teóricos liberais não existe. De Smith e Ricardo, Marx toma a teoria de que as mercadorias valem pela quantidade de trabalho necessário para produzi-las, mas avança para além disso, explicando que o salário que o trabalhador recebe não paga todo o tempo de trabalho empregado na produção, uma parte deste valor fica com o capitalista.

Marx faz também uma análise do que a revolução industrial significou para os trabalhadores e suas famílias. "a introdução das máquinas na produção aumentou mais a fome de lucro dos capitalistas que forçaram os operários a jornadas de trabalho de 16 a 18 horas. Introduziram ainda o trabalho das mulheres e das crianças, pagando menos ainda. Desta forma o marxismo desvenda o capitalismo como um sistema que se funda na exploração e miséria dos trabalhadores, enquanto os capitalistas acumulam mais e mais capital.

Este desvelamento da sociedade capitalista, esta desconstrução do velho, levou os socialistas do século XX a buscarem construir o novo através de revoluções sociais: foi o caso da Rússia (1917), da

6 Para conhecer de forma simplificada a história do pensamento econômico, pode-se ler a Cartilha do PEDEX, reeditada pela Editora Expressão Popular, "O neoliberalismo ou o mecanismo para fabricar mais pobres entre os pobres". Para um estudo mais aprofundado, ler "História da riqueza do homem", de Leo Huberman.

China (1949), em Cuba (1959), Nicarágua (1979). Infelizmente algumas dessas experiências se burocratizaram, tornando-se tão opressoras quanto o sistema contra o qual haviam se revoltado. Os trabalhadores continuaram sem ter controle sobre os processos de trabalho, continuaram cumprindo ordens externas, agora não mais dos capitalistas, mas do partido no poder.

Azevedo & Darós, A HISTÓRIA DOS POVOS

Lenin fala aos operários da fábrica Putilov, em Petrogrado.

Camponeses e artesãos resistiram à disciplina fabril imposta externamente, tanto nos regimes capitalistas, quanto nos regimes socialistas burocráticos. “Para nós, esta recorrência é uma demonstração a mais de que a resistência ao trabalho industrial não foi o resultado de excepcionais peculiaridades culturais de tal ou qual

povo, mas uma resposta generalizada e recorrente de todos os povos diante do caráter excepcional na história dos processos de trabalho trazidos pela industrialização" (ENGUITA, P. 59).

# O processo de trabalho no Capitalismo

O capitalismo, em sua trajetória, já passou por diferentes momentos: da manufatura, ao taylorismo, fordismo e toyotismo. A implantação desses modelos de organização da produção, se deu em épocas diferentes e ainda hoje há empresas que adotam práticas e orientações toyotistas e tayloristas ao mesmo tempo, visando sempre obter maior lucro.

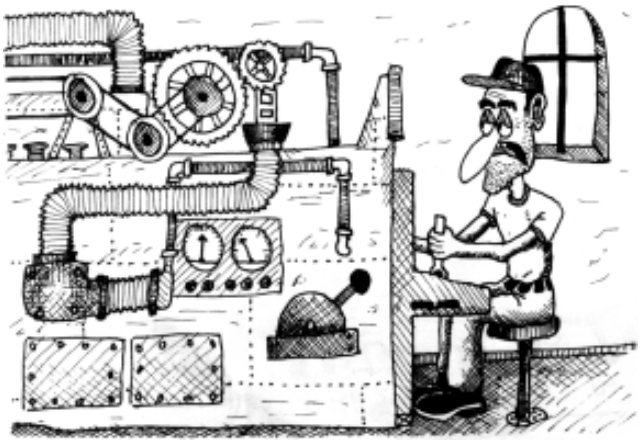
## Divisão do trabalho e manufaturas

As manufaturas foram a primeira forma de organização da produção capitalista e são consideradas as avós das atuais fábricas. Os artesãos, antes trabalhando de forma autônoma, foram agrupados em um mesmo barracão sob as ordens do capitalista. Ao contrário do artesanato onde o trabalhador exerce seu ofício em toda a sua extensão, na manufatura os trabalhadores passam a executar apenas uma parte. "Em vez de o mesmo artífice executar as diferentes operações dentro de uma seqüência temporal, elas são despendidas umas das outras, isoladas, justapostas no espaço, cada uma delas confiada a um artífice diferente e todas executadas ao mesmo tempo pelos cooperadores. Essa divisão acidental se repete, mostra

suas vantagens peculiares e ossifica-se pouco a pouco em divisão sistemática do trabalho. De produto individual de um artífice autônomo, que faz muitas coisas, a mercadoria transforma-se no produto social de uma união de artífices, cada um dos quais realiza ininterruptamente uma mesma tarefa parcial." (MARX, p. 255).

Quais as conseqüências dessa divisão do trabalho para os operários das manufaturas? Enquanto os artesão tinham que utilizar uma maior quantidade de habilidades manuais ou intelectuais para produzir um objeto, desenvolvendo-se mais integralmente, ou como dizia Marx, onilateralmente; um operário manufatureiro utiliza um número reduzido de habilidades e, quase nada de suas capacidades intelectuais, porque quem determina o que e como ele vai produzir é o dono da manufatura, o capitalista. As possibilidades de desenvolvimento do operário é reduzida, fragmentada, unilateral. Um produto que era resultado do esforço integral de um artesão, agora é fruto do trabalho parcial de muitos operários, ou seja, do trabalhador coletivo. "A manufatura, independentemente de sua origem particular, representa a mesma figura final – um mecanismo de produção, cujos órgãos são seres humanos"(MARX, p. 255).

"Ela aleija o trabalhador convertendo-o numa anomalia, ao fomentar artificialmente sua habilidade no pormenor mediante a re-



Leila Maria A. Barbosa & Wilma C. Mangabeira, in A INCRÍVEL HISTÓRIA DOS HOMES E SUAS RELAÇÕES SOCIAIS

pressão de um mundo de impulsos e capacidades produtivas."(MARX, p. 270).

A simplificação, parcelização, fragmentação de tarefas permitiu a introdução das máquinas no processo produtivo. "Em outras palavras: seria impossível inventar uma máquina que fizesse um sapato inteiro [como um artesão é capaz de fazer]. Mas com a divisão do trabalho já não era tão difícil inventar uma máquinas que cortasse a sola, outra que costurasse uma borda, outra que fixasse, outra que desse polimento, e assim por diante." (CEPIS, p. 34-35). Ou seja, as manufaturas serviram como um espelho para a divisão de trabalho e a conseqüente introdução de máquinas no processo de trabalho, antes realizado por homens e mulheres.

A invenção da máquina a vapor pelo ferreiro e serralheiro Thomas Newcomen em 1711, permitiu a transformação da manufatura em indústria, cuja aplicação foi feita por James Watt, fabricante de instrumentos de laboratório, em 1765. A chamada revolução industrial ocorrida durante os séculos VXIII e XIX, deve ser entendida como o conjunto de transformações ocorridas na indústria, na agricultura, transportes, etc., impulsionadas pela utilização de novas técnicas e materiais – eletricidade, siderurgia, ferrovias, etc. Em 50 anos de produção capitalista, o mundo desenvolveu mais riquezas que nos 500 anos anteriores.

Com a invenção das primeiras máquinas inicia-se, na Inglaterra, a Primeira Revolução Industrial e surgem as primeiras revoltas dos trabalhadores temendo serem substituídos pelas máquinas. Começam a se organizar em pequenos sindicatos e, em 1810, Ludd lidera um dos momentos mais significativos da reação organizada dos operários com a quebra das máquinas. Os empresários capitalistas

procuram saídas para organizar melhor a produção e vencer o confronto com a classe operária, adequando assim a força de trabalho aos novos meios de produção. Surgem o taylorismo e o fordismo.

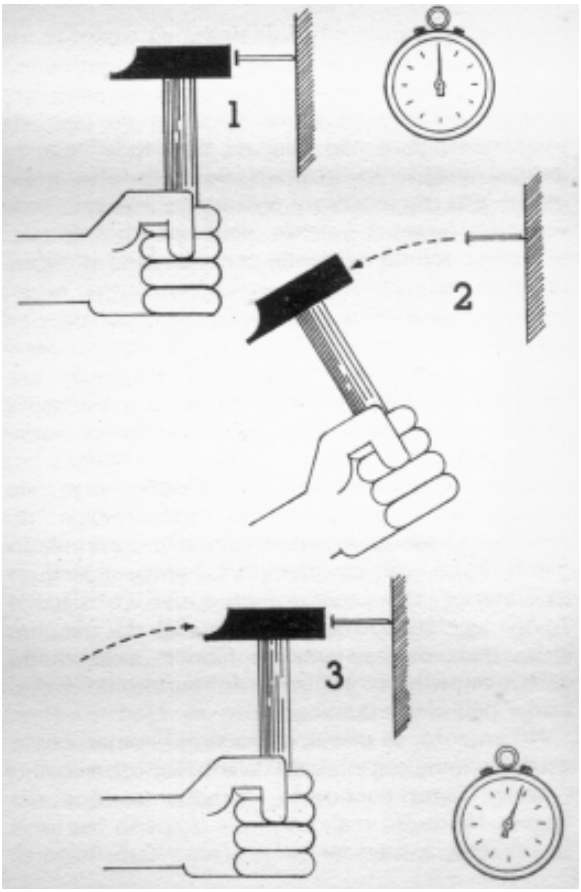
## A constituição do homem-máquina

O taylorismo foi um método de organização do processo de trabalho desenvolvido por Frederik Winslow Taylor, engenheiro norte-americano, considerado o pai da Escola de Administração Científica. Como método de racionalizar a produção para aumentar a produtividade do trabalho, economizando tempo, suprimindo gestos desnecessários e comportamentos supérfluos no interior das fábricas, Taylor aperfeiçoou e aprofundou a divisão de trabalho iniciado no sistema manufatureiro. Isto assegurou definitivamente o controle do tempo de trabalho pela classe dominante, pois apesar da resistência operária, este método adentrou todas as atividades humanas, inclusive fora dos muros da fábrica.

Taylor achava o trabalhador indolente e por isso elaborou princípios e técnicas de administração que permitiram maior controle do tempo, quais sejam:

"1º princípio: reduzir o saber operário a seus elementos mais simples, estudar os tempos de cada operação, para se chegar ao tempo necessário, objetivo este realizado com a introdução do cronômetro;

2º princípio: selecionar e treinar os trabalhadores, adaptando-o às tarefas simplificadas, concentrando todo o trabalho intelectual no departamento de planejamento, estabelecendo assim a separação entre o trabalho de concepção e o de execução;




Gravura do livro de Margareth Rago

3º princípio: cooperar cordialmente com os trabalhadores para articular todo o trabalho com o princípio da ciência que foi desenvolvida, evitando reações e anulando a luta de classes no interior da fábrica;

4º princípio: manter a divisão eqüitativa do trabalho e das responsabilidades entre a direção e o operário, prescrevendo o que fazer, como fazer e o tempo concedido para fazê-lo."(RAGO, p. 20-23).

Assim, o sistema taylorista estabelece o tempo padrão e o melhor método de trabalho com incentivo monetário ao trabalhador pela remuneração por produção e da seleção e treinamento de acordo com a função exercida, definidos pela gerência. Se na manufatura

persistia algum tipo de saber sob o controle dos trabalhadores, na fábrica taylorista o trabalhador é totalmente reduzido a um apêndice da máquina, cujo processo de trabalho é determinado pelo ritmo das mesmas.

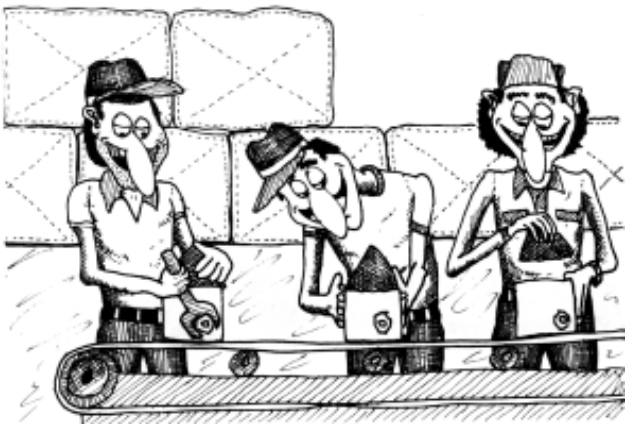
Nas empresas onde esse sistema foi implantado a produtividade aumentou entre 300 e 400% enquanto os salários aumentaram apenas de 60 a 70%. Assim, o taylorismo fortaleceu o capitalismo e se manteve até as primeiras décadas do século XX, quando entrou em crise logo após a 1ª Guerra Mundial (1914-1917), devido à superprodução sem mercado consumidor.

Essa crise, na verdade, não era apenas interna à fábrica, ou seja, do método de organização da produção, mas também da própria ideologia liberal que sustentava o sistema capitalista. Foi quando se colocou em discussão a função do Estado Liberal e a política de mercado livre. O economista John Keynes criticava o liberalismo clássico e defendia a intervenção do Estado na economia para controlar os juros, criar empregos através de obras públicas, incrementando assim o consumo. Esta política do Estado regulador, conhecida por keynesianismo, ampliou-se como doutrina até que se criasse o Estado de Bem-estar Social depois da Segunda Guerra Mundial em 1945, como conseqüência das lutas operárias por melhores condições de trabalho e vida.

## A esteira elétrica determina o ritmo de trabalho

No inicio do século XX, nos Estados Unidos, Henry Ford, dono da indústria automobilística Ford, coloca em prática na sua fábrica, a produção em série através da famosas linhas de montagem, intro-

duzindo a esteira móvel e consolida uma evolução técnica no processo de trabalho. A esteira permitia a fragmentação de tarefas e um maior controle sobre o tempo e ritmo de produção, aumentando a produtividade. Havia apenas 15 minutos para o almoço, 3 minutos para ir ao banheiro... produção mais acelerada, gestos mecânicos : pega, levanta, ajusta, empurra... repetidamente até o fim da jornada de trabalho.



Leila Maria A. Barbosa & Wilma C. Mangabeira, in A INCRÍVEL HISTÓRIA DOS HOMES E SUAS RELAÇÕES SOCIAIS

Taylor foi muito criticado por seus princípios de superespecialização, que robotizam o operário, fazendo-o perder a liberdade e a iniciativa de estabelecer sua própria maneira de trabalhar. Mesmo assim, Ford segue a risca a doutrina defendida por Taylor na busca de eliminar o desperdício e reduzir os custos de produção, dividindo o trabalho e limitando cada operário à execução de uma única tarefa para a qual era treinado.

A maior importância do fordismo, está no fato de que a classe empresarial passa a intervir diretamente na esfera política, deixando de apenas utilizar o Estado liberal a seu favor. Associa-se à proposta de Keynes de ajudar a renovar e reestruturar o Estado, modelando o capitalismo às novas exigências sociais e dominando o mundo com os resultados da segunda Revolução Industrial, a aplicação da eletricidade.

A remuneração salarial passa a ter valores que atendam às necessidades de sobrevivência do trabalhador e como meio de avanço do capitalismo, pois o progresso tecnológico produziu super oferta de bens de consumo. Ford percebeu que a ampliação industrial devia ser acompanhada por uma nova política salarial que foi adotada pelos países capitalistas até o final da década de 70.

O que impulsionaria Ford e Keynes a defenderem uma ampliação da massa salarial? Com certeza não seria porque tivessem "bom coração", mas porque a luta dos trabalhadores contra as péssimas condições de trabalho, contra o autoritarismo fabril e a super-racionalização do tempo imposto pelo taylorismo, contra o trabalho infantil nas fábricas, contra a superexploração do trabalho das mulheres, pela redução das longas jornadas, por direitos sociais previdenciários, etc. assim o determinaram. Foi a organização dos trabalhadores em sindicatos, a realização de greves, a quebra de máquinas, associado à própria necessidade do capitalismo de aumentar o mercado consumidor de seus produtos que obrigaram aos teóricos da burguesia a se preocuparem com questões sociais.

Vejamos o que Gramsci, intelectual orgânico dos trabalhadores diz sobre isto:

> *"Quando o processo de adaptação se completou, verifica-se então que o cérebro do operário, em vez de mumificar-se, alcançou um estado de liberdade completa. Só o gesto físico mecanizou-se inteiramente; a memória do ofício, reduzido a gestos simples repetidos em ritmo intenso, 'ani-*

*nhou-se' nos feixes musculares e nervosos e deixou o cérebro livre para outras ocupações. (...) caminha-se automaticamente e, ao mesmo tempo, pode-se pensar em tudo aquilo que se deseja. Os industriais norte-americanos compreenderam muito bem esta dialética inerente aos novos métodos industriais. Compreenderam que o operário continua 'infelizmente' homem e, inclusive, que ele, durante o trabalho, pensa demais ou, pelo menos, tem muito mais possibilidade de pensar, principalmente depois de Ter superado a crise de adaptação. Ele não só pensa, mas o fato de que o trabalho não lhe dá satisfações imediatas, quando compreende que pretendem transformá-lo num 'gorila domesticado', pode levá-lo a um curso de pensamentos pouco conformistas. A existência dessa preocupação é comprovada por toda uma série de cautelas e iniciativas 'educativas', que se encontram nos livros de Ford (citado por WOLF, p. 355-356)*

As crises do capitalismo, entretanto, são cíclicas e inerentes ao próprio sistema que se baseia na busca de lucros. Pois o próprio desenvolvimento das forças produtivas, a utilização de novas tecnologias, se por um lado, exige maiores investimentos, por outro, vai diminuindo o custo de produção das mercadorias, mas também baixando a taxa de lucros, principalmente porque este é fruto da exploração do trabalho humano, resultado do sobre-trabalho ou mais-valia, conforme veremos adiante. Já vimos anteriormente, que é o

trabalho humano que cria riquezas, não as máquinas. E esta forma de organização da produção taylorista-fordista, bem como a teoria keynesiana, também entram em crise[7] , obrigando os capitalistas a buscarem novas formas de organização da produção a fim de competirem entre si no mercado global. Já não há mais fronteiras físicas para o capital, pois o computador revoluciona os meios de comunicação dando asas ao capital financeiro.

O modelo japonês (toyotismo) de organização dos processos de trabalho na fábrica, associado à ideologia neoliberal e ao processo de globalização foram as saídas encontradas pelo capitalismo para a superação de sua aguda crise.

## A utilização das máquinas 'pensantes'

Assim como nos anos 20 a Ford deu nome ao fordismo, processo que introduziu a linha de montagem através da esteira elétrica, a empresa automobilística japonesa Toyota - toyotismo – começou a reorganizar com mais profundidade, seu sistema de produção. O toyotismo se caracteriza pelas novas tecnologias empregadas na sua indústria, principalmente a informática e, sobretudo, pelas mu-

7 É muito importante entender este processo de crise, para compreender o que virá depois, infelizmente, o espaço deste caderno não nos permite maiores aprofundamentos. Mas, para quem quiser aprofundar este estudo pode ler o livro de Ricardo Antunes "Os sentidos do trabalho" e um outro, organizado por ele em parceria com Maria Moraes Silva, chamado "O avesso do trabalho", cuja indicação completa está nas referência bibliográficas deste caderno.

danças na organização das empresas, pelo novo papel que confia aos empregados, pela definição dos papéis do Estado, dos empresários e do sindicalismo. Os poucos trabalhadores que permanecem empregados operando máquinas, têm a possibilidade de decidirem qual a melhor maneira de exercerem seus trabalhos, podendo inovar dentro do processo de produção, desde que tais inovações aumentem o lucro do capital.

Ao final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, tendo perdido a guerra, o Japão foi tomado pelos Estados Unido, pondo fim à ditadura militar que governava aquele pais e que sempre reprimiu muito os trabalhadores. Nunca houve mais que 7% de trabalhadores sindicalizados. Os americanos fizeram grandes reformas políticas e sociais procurando acabar com as bases militares e modernizar o país: a Constituição japonesa de 1947 foi escrita pelos americanos; reforma agrária para eliminar o latifúndio que sustentava a base militar japonesa; reforma educacional; implantação da liberdade e autonomia sindical.

Estaria o governo norte-americano preocupado com o bem-estar dos japoneses ou buscando amenizar sua crise de consciência por causa da bomba de Hiroxima? Ou ainda, mostrar seu poderio militar e econômico à então URSS? “A intenção dos americanos era desmantelar o sistema de poder japonês e seu poder industrial e implantar o ‘sistema democrático’ ocidental. Aproveitando as garantias das novas leis, os trabalhadores japoneses começaram a se organizar livremente e já em 1950, 50% deles eram sindicalizados. Os sindicatos eram combativos e progressistas, na grande maioria pertenciam ao Partido Comunista. Entretanto, a política americana mudou com a guerra fria, o triunfo da revolução socialista chinesa (1949), a guerra da Coréia (1950), e depois, com a guerra do Vietnã,

quando os EUA escolhem o Japão para construir sua base militar anticomunista no Oriente.

O exército, então, interveio para destruir os comunistas nos sindicatos e no serviço público, mais de 200 mil sindicalistas foram perseguidos. Os empresários apoiaram o governo e começaram a reestruturar as fábricas buscando nova colaboração com dirigentes sindicais pelegos. Em 1955 foi fundado o Centro de Produtividade Japonês com a participação do governo, empresários e sindicatos que foram estimulados a participar mediante algumas concessões para aumentar o crescimento econômico. A partir daí a economia japonesa teve um crescimento contínuo e novas políticas salariais e de carreiras foram implementadas, bem como o Sistema de Qualidade Total."(RAIO, p. 96-97).

No modelo fordista-taylorista o carro era produzido, do inicio ao fim, dentro do mesmo complexo industrial. Na Toyota japonesa, o carro não é produzido inteiramente na mesma unidade. Algumas peças são produzidas em algum lugar do mundo, em fábricas fornecedoras de peças, buscando mercados de mão-de-obra mais baratos e livres de encargos sociais trabalhistas. Esta fragmentação da produção pelo mundo, fragilizou completamente a força organizativa dos trabalhadores, pelo menos da forma como era feita até então. Além disso, a aplicação do computador às máquinas industriais, destruiu definitivamente grande parte de postos de trabalho, criando o chamado desemprego estrutural, ou seja, muitos trabalhadores perderam seus empregos para sempre, porque aquelas tarefas passaram a ser executadas pelas máquinas computadorizadas ou por robôs.

"Opondo-se ao contra-poder que emergia das lutas sociais, o capital iniciou um processo de reorganização das suas formas de

organização societal, não só procurando reorganizar em termos capitalistas o processo produtivo, mas procurando gestar um projeto de recuperação da hegemonia[8] nas mais diversas esferas da sociabilidade. Fez isso, por exemplo, no plano ideológico, por meio do culto de um *subjetivismo* e de um ideário fragmentador que faz apologia ao individualismo exacerbado contra as formas de solidariedade e de atuação coletiva e social."(ANTUNES, 2000, p. 48).

Quantos trabalhadores não caíram na conversa de que as privatizações das empresas estatais e dos serviços públicos em geral foram feitas para melhorar a qualidade dos produtos e serviços prestados à população? Quantos não foram mordidos pela mosquinha das novas tecnologias computadorizadas e robotizadas? Quantos não sonham com os produtos que são inventados e postos no mercado a cada dia: celulares de diversos tipos, fornos de microondas, microcompuradores que fazem uma infinidade de coisas, DVDs, vídeogames, etc.?

Ou seja, assim como no taylorismo, as mudanças ocorridas depois dos anos 70, baseadas no modelo japonês não afetaram só o interior da fábrica, mas afetaram toda a vida social. Países do mun-

---

[8] Hegemonia significa direção moral, intelectual e política que uma classe exerce sobre outra. Através da reprodução de sua ideologia, por meio da mídia, da escola, das igrejas, a classe dominante busca construir um consenso na sociedade, fazendo com que seus interesses particulares apareçam como sendo interesse de todos. Com isso ela promove uma mudança cultural, impondo seus hábitos e modos de vida à todos, ainda que só formalmente, não na prática. Foi assim que a ideologia do consumo se impôs aos povos do mundo. Quando o consenso não se mantém por meios pacíficos, a classe dominante lança mão da coerção através do Estado e seu aparelho repressor: a polícia, o exército, os tribunais, as prisões.

do inteiro vão adotando modos de vida que não são seus, deixando destruir suas culturas, sua arte, sua forma de produção e reprodução da vida material e espiritual. Os povos vão se pondo necessidades que não são suas, mas criadas artificialmente através de propaganda massiva, pelas indústrias que querem empurrar seus produtos a qualquer custo. As elites dos países pobres adotando o modo de vida destruidor da natureza dos países ricos, buscam explorar ainda mais os trabalhadores de seus países, aprofundando ainda mais o fosso entre pobres e ricos. As desigualdades sociais tornam-se enormes. Como não há empregos nestas empresas para todos, a grande maioria tem que se submeter a empregos precários, salários baixíssimos, quando não se entregam à alternativas criminosas.

## Mentiras que se tornam verdades

Quem não acredita que o desemprego é resultado da falta de qualificação dos trabalhadores? É porque os países pobres não investem em educação? Quem não acredita que a informatização da produção e a s novas tecnologias melhoraram a qualidade dos produtos?

Azevedo & Darós, A HISTÓRIA DOS POVOS

Como já vimos, os trabalhadores foram expro-

priados de seus saberes, de seu conhecimento adquirido na prática do trabalho artesanal, para serem adaptados à fábrica mecanizada no capitalismo. Depois foram sendo expulsos até mesmo desta forma exploradora e "aleijadora" de emprego e, gradativamente, substituídos pelas máquinas computadorizadas. Que agora, permitem uma produção flexível, ou seja, adaptar-se com facilidade à produção de novos produtos. Não para solucionarem necessidades humanas reais, mas para criar novas e poder vendê-las para um mercado de consumidores restrito. Porque os trabalhadores teriam que estar a todo instante aprendendo a fabricar novas quinquilharias, às quais ele não tem acesso e mesmo que tivesse só servem para aumentar a quantidade de lixo no planeta? No que esse aprendizado, essa 'qualificação' os tornaria mais feliz?

> *"Nas tiranias de outrora, os súdicos reconheciam a sua escravidão nos entraves que limitavam seus movimentos físicos e no terror que infundiam os donos do poder. Mas bem poderia acontecer que os cidadãos de amanhã, manipulados na própria do seu ser, amassem a sua servidão e a batizassem com o nome de liberdade."*
>
> **(William Leiss)**

"A falácia da *qualidade total*, tão difundida no 'mundo empresarial moderno', na empresa *enxuta* da era da reestruturação produtiva, torna-se evidente: quanto mais 'qualidade total' os produtos devem ter, *menor deve ser seu tempo de duração.* A necessidade imperiosa de reduzir o tempo de vida útil dos produtos, visando aumentar a velocidade do circuito produtivo e desse modo ampliar a velocidade da produção de valores de troca, faz com que a *qualidade total* seja, na maior parte das vezes, o *invólucro, a aparência* ou o aprimoramento do *supérfluo,* uma vez que os produtos devem durar pouco e ter uma reposição ágil no mercado." (ANTUNES, 2000, P. 50)

A lógica é diabólica, porque atrativa, enganadora, sedutora. Produtos de maior qualidade são produtos caríssimos, que apenas uma restrita elite têm acesso e acaba por importá-los diretamente do centro do capitalismo ou comprá-los em suas viagens ao exterior. A grande maioria dos produtos acessíveis às populações têm baixíssima qualidade e seus concertos não compensam, são mais caros que a compra de produtos novos, sempre à disposição de quem tem dinheiro para comprá-los. Quem não tem um aparelho estragado em sua casa? Quem leva um sapato no sapateiro para concertar, ou uma peça de roupa numa costureira para reformar?

A verdade construída pelas elites, pela classe dominante, pelos ricos, precisa ser desconstruída pelos trabalhadores, pelos educadores populares, por seu trabalho junto aos pobres, para que uma nova verdade, uma nova forma de se viver e buscar a felicidade possam ser gestadas. É preciso mostrar que esta nova forma de organização da produção, não apenas desempregou muita gente, como intensificou o trabalho para quem continua empregado, tornando-os cada vez mais dependentes e presos aos interesses dos capitalistas. Sugando, pra além da força física, a própria capacidade intelectual dos trabalhadores, seu conhecimento, sua criatividade, sua subjetividade.

"As materializações da evolução técnica, sob as relações capitalistas de produção, resultam em instrumentos de dominação do capital sobre o trabalho. Uma dominação para fins de extração de amisvalia, lógica inerente a essa relação social, e que, como tal, implica na exploração da força de trabalho. Um exploração que, por sua vez, demanda um constante controle sobre os trabalhadores, tarefa por excelência das políticas de gestão do trabalho." (WOLF, p. 357). Ainda, segundo essa autora, a informatização da produção reificou ("coisificou") ainda mais os trabalhadores, pois a sua criatividade é

alienada de si e colocada a serviço do capital, agora ele é um apêndice das 'máquinas inteligentes'. Além de acirrar o processo de fetichização (os objetos parecem ter vida própria, é como se as máquinas fossem produzidas por outras máquinas, sem que houvesse qualquer intervenção humana), fazendo com que os trabalhadores não se reconheçam, não percebam seu trabalho embutido nos objetos que circulam no mercado. O mundo parece um montão de mercadorias, como dizia Marx, carregando ideologias, modos de vida e sonhos de consumo.

## Como se dá a exploração capitalista

O capitalismo dividiu a sociedade em duas classes fundamentais com interesses opostos: a classe dos proprietários das indústrias, dos bancos, das terras, dos meios de comunicação, das ferramentas de trabalho, ou seja, os donos do capital; e a classe dos trabalhadores que só tem a força do braço, do trabalho, para vender em troca de um salário que mal dá para viver.

Esses capitalistas usam e exploram os trabalhadores para produzir mercadorias, obter cada vez mais lucros e viverem com muito luxo. Com isso conseguem melhorar suas fábricas, compram máquinas cada vez mais modernas que substituem e exploram mão-de-obra, aumentando o desemprego, a informalidade e a distancia entre ricos e pobres. O Brasil é um dos países do mundo que tem maior concentração de riquezas. Chamamos a isso desigualdade social.

Toda a riqueza produzida pelos trabalhadores é vendida a preços muito maiores do que o valor que os proprietários pagam pelo trabalho de seus operários. Isso se dá porque do total da jornada diá-

ria, o trabalhador cede uma parte para o lucro do patrão.

Mas, como isso acontece?

Para comercializar as mercadorias produzidas, é necessário definir o seu valor de troca ou venda. Por exemplo: Um homem precisava de arroz para a alimentação da família. Ele tinha uma terrinha e instrumentos de trabalho (boi, arado, plantadeira, enxadas, sementes...). Fez a roça, produziu 50 sacos de arroz e ficou satisfeito. Mas, para alimentar a família só gastou 20 sacos, sobrando 30 sacos (excedente). O que fazer com esses 30 sacos? Como ele precisava também de camisas, pensou em trocar com o seu arroz. Procurou o alfaiate, que precisava de arroz, para trocarem suas mercadorias. Porém não era justo dar um saco de arroz por uma camisa! O camponês levou mais tempo para produzir o saco de arroz. Então, percebeu que saco de arroz valia por duas camisas.

Uma mercadoria vale mais que outra porque deu mais mão-de-obra para fazer, levou mais tempo para fabricá-la. Tem mais trabalho dentro dela. Por isso, medimos o valor de um objeto, de uma mercadoria, pelo trabalho, pelo tempo gasto para produzi-la. Quanto mais trabalho há na sua produção, mais valor tem. Mesmo quando ela é produzida por outras máquinas, pois nesta também tem trabalho embutido. Teríamos que ir desconstruindo mentalmente os processos como cada uma das máquinas foi sendo produzida, para entendermos que, ao fim e ao cabo, todos os objetos têm trabalho humano embutido, passado ou presente, de um ou muitos trabalhadores espalhados pelo mundo.

Você já parou para pensar, por exemplo, o quanto de trabalho você mobiliza no simples ato de ir ao banheiro lavar o rosto e escovar os dentes quando se levanta? Trabalho de pessoas que você nem conhece, que talvez nem morem em seu país?! Pense um pou-

co sobre isso e veja que, muitas vezes um produto chegou mais barato para si, porque foi realizado através de trabalho degradante, escravo, servil, por pessoas de carne e osso que moram em outras partes do mundo ou mesmo na sua cidade, no seu bairro, na sua rua.

Tudo isso quer dizer que:

1. as mercadorias produzidas por um ou vários trabalhadores, têm que atender às necessidades de outras pessoas, trabalhadoras ou não (necessidades materiais ou espirituais, reais ou simbólicas) ;
2. uma mercadoria tem um valor de troca, independente de sua utilidade (um saco de arroz vale por duas camisas, por mais que o alfaiate precisasse de um saco de arroz, o camponês não o trocaria apenas por uma camisa);
3. o valor de uma mercadoria é fixado pela quantidade de trabalho necessário para sua produção total (de trabalho nem sempre concreto, feito por um trabalhador, mas trabalho abstrato, feito pelo trabalhador coletivo, numa mesma fábrica ou espalhados por várias fábricas, é por isso que a gente não enxerga o trabalho e, na maioria das vezes, o próprio trabalhador não se reconhece no produto).

Inicialmente o comercio era feito pela troca de mercadorias em espécie, mas com o crescimento e diversificação da produção e avanço tecnológico, com produção de excedentes, foi criado o dinheiro que funciona como “mercadoria equivalente” nas transações comerciais. Assim, as mercadorias mudam de dono com maior facilidade dentro e fora de onde foram produzidas. Ao invés de levar um boi até outra cidade para trocar com sal, pode-se vender o boi no local e viajar mais rápido, com dinheiro, em busca do sal em outro lugar.

O camponês de nossa história era o dono de sua mercadoria – o arroz – porque possuía os meios de produção e a força de trabalho para produzi-la. Vendia seu arroz para trocá-lo com outras mercadorias que atendessem suas necessidades. Mas, no capitalismo, os proprietários das riquezas não são as pessoas que as produzem. As riquezas ficam nas mãos dos patrões, os donos dos meios de produção; e que não produzem nada. Eles controlam a produção e, na maioria das vezes, exploram os trabalhadores com longas jornadas de trabalho, pagamdo-lhes injustos salários.

## A acumulação de capital através da mais-valia

De onde vem o lucro do patrão? Como ele pode ganhar muito mais do que gastou? "Como é possível encontrarmos no mercado um grupo de compradores possuidores de terra, maquinaria, matérias-primas e meios de vida – coisas essas que, exceto a terra bruta, são 'produtos do trabalho' – e, por outro lado, um grupo de vendedores que nada têm a vender senão sua força de trabalho, os seus braços e cérebros laboriosos? Como se explica que um dos grupos compre constantemente para realizar lucro e enriquecer, enquanto o outro grupo vende constantemente para ganhar o pão de cada dia?" (ANTUNES, 2004b, p.87). É o trabalho dos trabalhadores nas empresas que gera essa situação e todo o lucro do patrão.

O lucro não está no preço de venda das mercadorias porque, muitas vezes o que o patrão ganha, o mesmo tanto gasta na compra da matéria prima. Também o lucro não está na aquisição dos bens de capital, (máquinas, terras e matérias-primas). Sim, porque elas sozinhas, não sabem produzir nada. O que realmente gera riqueza e produz valor, como já vimos, é o trabalho humano usado na

produção dos objetos. Isto acontece porque, o salário que o trabalhador recebe por uma jornada de 8 horas diárias, na verdade paga apenas uma parte de tudo o que ele produziu neste tempo. Muitas vezes um operário produz em 4 horas de trabalho o valor de sua diária completa. Nas outras 4 horas ele só produz o lucro do capitalista. E quanto mais mecanizada for a fábrica, quanto mais rápido ele produz, em menos tempo de trabalho ele paga o seu salário.

Digamos que um capitalista contrate um operário – carpinteiro – a 1000 reais por mês. Depois de 14 dias, o operário produziu 14 mesas. O operário passa em frente a loja do patrão e vê que cada mesa é vendida por 300 reais. Ele fica pensando: puxa, a madeira usada na mesa custa 100 reais, o gasto de energia e das máquinas é igual a 150 reais, que somados e multiplicados pelos 14 dias que eu trabalhei daria 2100 reais. Então eu trabalhei mais do que o necessário, conclui o operário. E vai conversar comum o patrão: - Eu já posso receber agora o meu salário, porque eu já produzi nesses 14 dias uma quantidade de mesas que vendidas dão mais do que os 1000 reais que o senhor prometeu me pagar no final do mês. E o patrão lhe diz: - Mas você tem que trabalhar o mês inteiro para receber seu salário. E o operário conclui: - Então eu dou de presente ao senhor as outras semanas de trabalho?! E o patrão lhes responde: - É isso mesmo!

Azevedo & Darós, A HISTÓRIA DOS POVOS

O capitalista e o operário.

Será que o patrão responderia isso mesmo ao operário? E o que um operário sozinho poderia fazer para obrigar o patrão a pagar o

que lhe é devido? Porque essa exploração não é contestada pelos trabalhadores?

Tudo isso aconteceu porque os meios de produção empregados foram potencializados pela força de trabalho do homem. Ou seja, a junção homem-máquina aumentou a produtividade, mas não reverteu em melhorais para os trabalhadores. Trabalhando 8 horas diárias, o operário gera um valor que é suficiente não somente para se manter, mas também um valor excedente para o capitalista. Isto é, o patrão compra a força de trabalho por um valor correspondente apenas à metade da jornada, de forma a permitir a mínima sobrevivência do operário e de sua família. O operário, nas outras 4 horas, trabalha para gerar riquezas ao seu patrão. Esse excedente de riquezas, que o patrão se apropria, chama-se *mais-valia*. Está claro que a multiplicação do capital só é possível devido a apropriação de grande parte dos frutos do trabalho assalariado. O operário, com seu trabalho, gera riquezas superiores ao salário que recebe. Está claro que a multiplicação do capital só é possível devido à exploração do trabalho humano. O capitalista é capitalista porque aumenta o seu capital às custas da exploração do trabalho assalariado.

## A ambição do capitalista pela mais-valia é insaciável

Uma das formas usada para aumentar a mais valia consiste em aumentar a jornada de trabalho, isto é, mais horas de trabalho por dia que os patrões procuram aumentar ao máximo. Quando a classe operária era ainda fraca e inexperiente, os patrões adotavam a jornada de 14, 16, 18 horas e quem trabalhava eram também as mulheres e crianças. Isto acontece muito nos países asiáticos ainda hoje.

No Brasil, por exemplo, as horas extras beneficiam muito pouco o trabalhador e enriquecem ainda mais os patrões porque eles não precisam contratar mais mão-de-obra, o que lhe custaria muito mais devido às obrigações sociais - carteira assinada, FGTS, INSS, etc – que, embora mínimas, beneficiam os trabalhadores e são garantidas por lei. Na verdade são conquistas dos trabalhadores, como já vimos anteriormente. Se fosse diminuída a jornada de trabalho, como já acontece na França, haveria emprego para mais gente.

Outra forma para aumentar mais valia é a modernização tecnológica na produção. Desse jeito, um operário produz muito mais, aumentando os lucros e o capital do empresário. Isso provoca também desemprego e conseqüentemente o empobrecimento ainda maior do trabalhador e concentração de riqueza mais acentuada. Tudo isso gera um custo social muito grande que acaba sendo assumido pelo Estado e por toda a sociedade. O capitalismo não se responsabiliza por nada.

Assim, para a elite capitalista, o dinheiro serve para gerar mais dinheiro, ou seja, produzir mercadorias para o consumo, vendê-las e comprar mais matérias-primas que serão transformadas pelo trabalhador em novas mercadorias e, portanto em dinheiro. E esse dinheiro que acaba voltando para as mãos do capitalista, é sempre maior que o valor aplicado no início da produção. O trabalhador, ao contrário, só tem a força de trabalho para vender. O que ganha é trocado pelas mercadorias que necessita para sobreviver e continuar trabalhando. Com isso vemos que o interesse do capitalista é exatamente o oposto do interesse do trabalhador. O choque de interesses entre ambos é inconciliável no sistema capitalista, e é a isto que se chama *luta de classes.*

Vamos relembrar e gravar bem na nossa mente o que acabamos de estudar: o trabalhador, a trabalhadora geram riquezas superiores

ao salário que recebem. Essas riquezas excedentes que o patrão se apropria gratuitamente são chamadas de *mais- valia.* N a medida em que a classe operária fica passiva, a classe capitalista não vacila: suga o trabalhador, a trabalhadora, até suas últimas forças, pouco lhe importando se isso implica em prejuízos para a saúde do operário e sua família.

Por que as fábricas estão cada vez mais modernas? Para aumentar a *mais- valia.* O capitalismo de concorrência significava competição com outras fábricas que produziam o mesmo produto. No capitalismo monopolista: só uma empresa produz um determinado produto. Impõe aos consumidores o preço e a qualidade que bem entende. Outra forma de dominação capitalista foi o imperialismo, com a exportação de capital dos países subdesenvolvidos para os países ricos. Hoje, com a globalização dos processos de produção, a velocidade da informação, a concentração de riquezas nas mãos de poucas empresas, concentradas principalmente nos Estados Unidos, já se fala em dominação imperial, o que significa que a humanidade está regredindo aos tempos do império romano.

## A desumanização pela alienação

"Em que consiste, pois, a alienação do trabalho? Principalmente, no fato de que o trabalho é externo ao trabalhador, isto é, não pertence a seu ser; que em seu trabalho, o trabalhador não se afirma, mas se nega; não se sente feliz, mas infeliz; não desenvolve uma livre energia física e espiritual, mas mortifica seu corpo e arruina seu espírito. Por isso o trabalhador só se sente ele mesmo fora do trabalho, e no trabalho algo fora dele. Ele se sente em casa quando não trabalha, e quando trabalha não se sente em casa. Seu trabalho

não é, assim, voluntário, mas obrigado; é trabalho forçado. Por isso não é a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio para satisfazer as necessidades fora do trabalho (...) Disso resulta que o trabalhador apenas se sente livre em suas funções animais, no comer, no beber, procriar, e quando muito no que se refere à habitação e à vestimenta, e em troca em suas funções humanas sentem-se como animal. O que é animal torna-se humano e o que é humano torna-se animal". (MARX, citado por ENGUITA, P. 22)

Nas indústrias o trabalho é alienante. A pessoa não se vê no que faz, não vê o todo. Nas fábricas de automóveis, por exemplo, cada pessoa executa um determinado serviço, repetitivo – não acompanha o processo todo. Sem falar que na grande maioria esse automóvel é inacessível a quem o fabricou, ou seja, o trabalhador, a trabalhadora nunca serão donos do que produziram.

O que separa o ser humano dos meios de produção e do resultado de seu trabalho é a industrialização a propriedade privada e o assalariamento.

A pessoa é desumanizada, perde o contato com a realidade a ser transformada, não transformando nem a si mesmo.

Só ao modificar seu contexto pode o ser humano considerar-se livre.

"O desenvolvimento do trabalho criador aparece, assim, aos olhos de Marx, como uma condição necessária para que o homem seja cada vez mais livre, mais humano, mais dono de si próprio. Marx verifica, contudo, que no mundo atual o trabalho humano assumiu características desumanas: os trabalhadores e trabalhadores – homens e mulheres que produzem os bens materiais necessários à vida – não se realizam como seres humanos nas suas atividades. Pelo contrário, na indústria moderna do capitalismo, o trabalho é

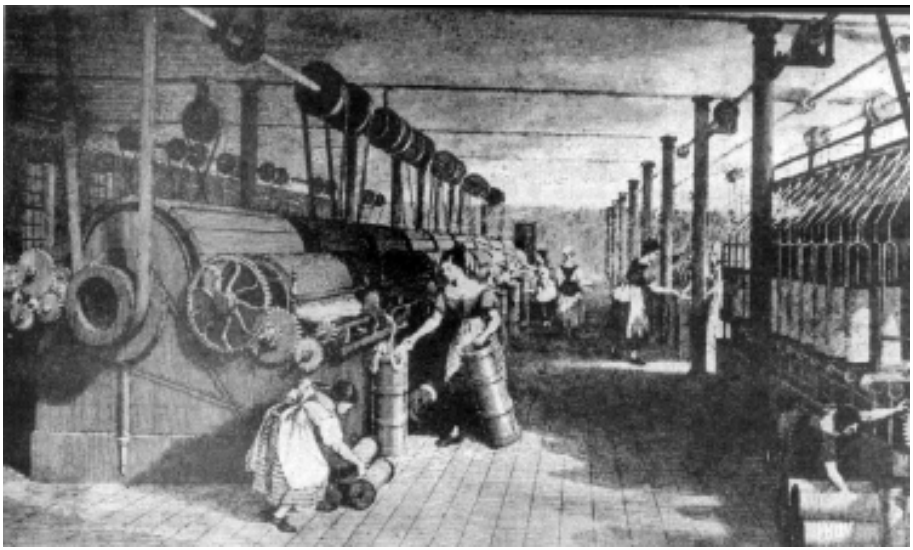
odiado pelos trabalhadores, que o encaram como uma obrigação imbecil, como uma atividade que lhes é imposta e que os oprime, reduzindo-os a bestas de carga." (KONDER, p. 39).

Mas para Marx, no capitalismo, não é apenas o trabalhador que se desumaniza pela alienação de seu saber, dos frutos de seu trabalho, de sua criatividade. Sendo o trabalho, como "atividade fundamental da livre criação do homem por si mesmo", a corrupção desta atividade pela alienação, acarreta efeitos que atinge toda a sociedade, inclusive os capitalistas. Porque como ele não se envolve na atividade criadora, uma vez que na divisão social do trabalho, sua função é administrar, gerenciar, mandar, controlar quem trabalha, ele também não se transforma, não se faz melhor, não se humaniza. "Para Ter um exemplo dessa *alienação* dos capitalistas basta pensar no mercado capitalista. Os capitalistas criaram o mercado para a venda de seus produtos. Como, porém, estão divididos e competem uns com os outros, os capitalistas jamais conseguem controlar o mercado em conjunto: o mercado fica sujeito a movimentos surpreendentes e desequilibrados, capazes e levar qualquer capitalista individual à falência. Por isso, os capitalistas, individualmente considerados, encaram o mercado criado pela classe deles como uma realidade estranha e temível, em função da qual eles são obrigados a viver."(KONDER, p. 42-43).

## A exploração do trabalho da mulher e da criança

Nos primórdios da divisão social do trabalho tanto a mulher livre quanto a escrava tinham seu espaço de trabalho na esfera doméstica.

"Tornando-se supérflua a força muscular, a maquinaria permite o emprego de trabalhadores sem força muscular ou com desenvolvimento físico incompleto, mas com membros mais flexíveis. Por isso, a primeira preocupação do capitalista ao empregar a maquinaria foi a de utilizar o trabalho de mulheres e das crianças". (Marx, citado por NOGUEIRA, P. 244-245).



Azevedo & Darós, A HISTÓRIA DOS POVOS

A classe trabalhadora, composta por mulheres, jovens, crianças e homens, foi reduzida à simples força de trabalho vivo, ou seja, matéria de exploração do capital.

Ao longo da revolução industrial e do advento do capitalismo, podemos afirmar que o capital utilizou-se da mulher no mundo do trabalho, o que acarretou significados distintos: se, por um lado, o ingresso do trabalho feminino no espaço produtivo foi uma conquista da mulher, por outro lado, permitiu que o capitalismo ampliasse a

exploração da força de trabalho, intensificando essa exploração através do universo do trabalho feminino adaptado aos seus objetivos.

A atual configuração da divisão do trabalho ainda carrega a persistência da segmentação e da remuneração diferenciada entre homens e mulheres, não só nos países de terceiro mundo, pois isso ocorre também nos países de capitalismo avançado da União Européia.

No contexto da flexibilização do mundo do trabalho, de reestruturação produtiva e das políticas neoliberais, o aumento da inserção das mulheres continua ocorrendo. A questão é como compatibilizar o acesso ao trabalho pelas mulheres, que faz parte do processo de emancipação feminina, com a eliminação das desigualdades existentes na divisão sexual do trabalho, já que essa desigualdade atende aos interesses do capital.

A participação feminina no mundo do trabalho cresceu muito, porém no espaço de empregos precários. Na maioria das vezes jornadas reduzidas, com benefícios também reduzidos, em nome de uma conciliação com a vida familiar. E se supõe que apenas as mulheres precisem fazer essa conciliação.

Finalmente, lembramos que, quando se fala em população economicamente ativa identificamos aí um claro viés sexista, que exclui as mulheres que realizam apenas tarefas domésticas, conseqüentemente classificadas como inativas.

# Considerações finais

Este estudo nos mostrou que o trabalho no capitalismo é alienado, prescrito. Ou seja, o trabalhador e a trabalhadora não podem decidir sobre o que, como ou quando produzir. Muito menos ter controle sofre o fruto do seu trabalho, as mercadorias. Além disso os trabalhadores recebem na forma de salários, apenas uma parte do que produzem, o restante fica com o capitalista.

Vimos também que, desde as primeiras manufaturas, que serviram como espelho para a divisão do trabalho, as tarefas foram sendo gradativamente simplificadas, fragmentadas, até poderem ser realizadas por máquinas e, na atualidade, parte do próprio trabalho intelectual realizado pelos trabalhadores, foi materializado em programas de computadores que comandam as máquinas.

Entretanto, apesar disso, os trabalhadores e as trabalhadoras não foram e não podem ser totalmente substituídos pelas máquinas, porque estas apenas mantém valores já incorporados, mas não criam valores novos. Elas podem até copiar, mas só criarão coisas novas a partir de dados matematizados que técnicos incorporarem nelas. Cheiro, dor, alegria, calor humano, afeto, amor não são matematizáveis, por isso, por mais 'ínteligentes' que possam parecer, as máquinas continuam sendo infinitamente inferiores aos seres humanos.

Mas, o problema, não são as máquinas. São os seus donos. Aqueles que na ganância de acumular riquezas, concentram-nas em suas mãos. Aliás, o problema, não são sequer seus donos, mas o sistema que os constitui enquanto tal. Como vimos, no capitalismo, tanto os trabalhadores, como os capitalistas se desumanizam. Porque um e outro são tolhidos a exercerem as atividades vitais em sua

plenitude. Projetar e executar bens úteis às necessidades humanas, ao mesmo tempo em que se transformam também como pessoas.

Quando estudamos a pedagogia de Paulo Freire, na primeira etapa de nossa escola, vimos que os opressores também se desumanizam enquanto oprimem, e que só os oprimidos, lutando por sua libertação, é que libertarão os opressores. Assim também diz Marx, que apenas os trabalhadores lutando por sua libertação, libertarão os capitalistas da alienação a que estão submetido no capitalismo.

E, finalmente, poderemos começar a verdadeira história humana. História de criação, de desenvolvimento de todas as capacidades – no trabalho, no estudo, na arte, na vivência da espiritualidade, no lazer, na atividade política, na convivência com a família, com os amigos, etc. – tornando-nos seres integrais, completos.

Este é o sonho que tem animado todos os revolucionários do mundo, em todos os momentos da historia humana e pelo qual, muitos doaram suas vidas. Um sonho, que como utopia inscrita na história, enquanto possibilidade humana, nos anima a caminhar e incorporar mais pessoas nesta caminhada.

Um sonho, que nos impulsiona a criar e recriar formas de produção da vida, de tudo aquilo que supra necessidades humanas reais, de forma solidária, sem competir, sem explorar outras pessoas, sem oprimir, sem discriminar, sem destinar milhões de pessoas à exclusão.

Desconstruir práticas viciadas, idéias atrasadas, preconceitos arraigados em nosso próprio seio, e, ao mesmo tempo em que lutamos para mudar o mundo, façamos também de nós, pessoas melhores, porque temos certeza, assim como o poeta Moacyr Félix, de que

*É inútil querer parar o Homem:*
*em tudo que de amor cantar*
*o seu sonho caminhará.*
*É inútil querer parar o Homem,*
*o que transforma a pedra em piso,*
*o piso em casa e a casa em fonte*
*de novas músicas de carne:*
*a andar em forma de palavras*
*sob os arvoredos da vida*
*o seu sonho caminhará*

*do pensamento para as mãos*
*e das mãos para o pensamento,*
*noite e dia caminhará.*
*Até tornar as mãos em pássaros*
*Libertos*
*para amar o azul.*

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. Ed. São Paulo : Boitempo, 2000.

_____ (Org.). **A dialética do trabalho**: escritos de Marx e Engels. São Paulo : Expressão Popular, 2004.

_____; SILVA, Maria A. Moraes (Orgs.). **O avesso do trabalho.** São Paulo Expressão Popular, 2004.

AQUINO, Rubim Santos Leão de [et al]. **História das sociedades**: das sociedades modernas às sociedades atuais. 32. Ed. Rio de Janeiro : Ao Livro Técnico, 1995.

Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae (CEPIS). **História da sociedade.** São Paulo, 2004.

Coordenação de Pastoral da Periferia de Salvador-BA. **A história do homem.** Lins/SP : Todos Irmãos, 1980.

Coordenação dos Movimentos Sociais (CMS). **Campanha pela valorização do trabalho.** Curitiba, 2004.

ENGUITA, Mariano Fernández. **A face oculta da escola**: educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre : Artes Médicas, 1989.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina.** 2. Ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1978.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem.** 21. Ed. Rio de Janeiro : Guanabara, 1986.

KONDER, Leandro. **Marx**: vida e obra. Sem local e sem editora, março 1998.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. 3. Ed. São Paulo : Nova Cultural, 1988.

Programa Educativo Dívida Externa (PEDEX). **O neoliberalismo**: ou o mecanismo para fabricar mais pobres entre os pobres. São Paulo, 1993.

Recurso Audiovisual Interativo (RAIO). **Viver ou sobreviver**: em busca da qualidade sustentável. Vila Velha/ES, Agosto de 1996.

RAGO, Luzia Margareth e MOREIRA, Eduardo F. P. **O que é taylorismo.** 6. Ed. São Paulo : Brasiliense, 1984 (1. Ed.). Coleção Primeiros Passos.

# Quem foi Karl Marx?

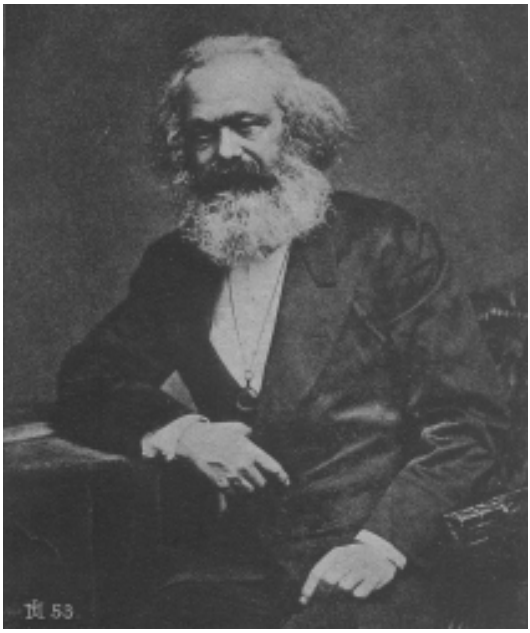


Foto retirada da Internet.

Karl Marx nasceu em cinco de maio de 1818, na pequena cidade de Treves, no sul da Prússia Renana, hoje território alemão. Foi o terceiro dos nove filhos do casal Marx. Seu pai (Hirschel Marx), era advogado. A mãe (Henriette) se dedicava apenas às tarefas domésticas. Ambos descendentes de rabinos judeus. Dos nove filhos do casal, quem viveu mais foi Karl. Casou-se com Jenny em 1843, com quem teve seus filhos. Marx se interessava por tudo que dissesse respeito à vida humana, por isso estudou direito, história, filosofia, arte e literatura, sem saber em que se fixar. Finalmente se concentra no estudo de filosofia, na Universidade de Berlim, onde lecionara um dos maiores pensadores do mundo, Hegel; e onde, portanto, fizera muitos discípulos, entre eles Karl Marx. Marx trabalhou como jornalista e quando dirigia a Gazeta Renana organizou uma campanha em defesa dos camponeses pobres do sul do Reno que eram levados pela miséria a roubar madeira. Ao mesmo tempo recebia para publicação no jornal que dirigia, "artigos pontilhados de vibrantes tiradas comunistas", redigidos por jovens socialistas, cujos conteúdos Marx considerava "superficiais e demagógicos". Mas Marx, também jovem resolveu examinar mais a funda a doutrina comunis-

ta. Mais tarde (1843), mudando-se com Jenny para Paris, onde fundaria uma revista, os Anais Franco-Alemães, Marx teve contato com o movimento socialista dos operários franceses. Depois de Ter estudado a filosofia alemã e de ter entrado em contato com o movimento socialista francês, Marx se pôs a estudar com afinco a economia política inglesa, lugar onde ocorrera a revolução industrial e, portanto, era o berço do capitalismo. "Nessa época, para esclarecer suas idéias, ia anotando em folhas soltas suas reflexões a respeito dos autores que estudava e dos fatos que observava. Essas anotações, à época, não eram feitas para publicação e só foram publicadas em 1931, com o título de *Manuscritos econômicos e filosóficos de 1844,* onde Marx desenvolveu a sua teoria da alienação". A partir daí, Marx começa a escrever suas reflexões junto com seu amigo Engels, que embora sendo filho de um industrial muito rico, religioso e conservador, não comungava com as idéias do pai. Marx e Engels haviam se conhecido em 1842, quando Marx ainda era diretor da Gazeta Renana, mas "só em Paris, nos últimos meses de 1844, é que eles voltam a ter um encontro pessoal. Engels havia redigido um artigo sobre *a situação da classe trabalhadora na Inglaterra,* analizando o funcionamento do sistema capitalista na Inglaterra, a partir da colaboração que era obrigado a prestar nos próprios negócios de seu pai. Estas informações e experiências vividas por Engels na Inglaterra, interessavam muito a Marx, dando origem a uma amizade que durou até o final de suas vidas e numerosos trabalhos realizados em comum. Em Paris, Marx escrevia também para uma outra publicação alemã – o Vorwaerts. Com este trabalho, Marx ganhava o suficiente para sobrevier, como jornalista pobre naquela cidade, e continuar escrevendo suas críticas à exploração dos patrões sobre os trabalhadores e também ao conservadorismo do governo prussiano (Alemanha), que acabou por pressionar o governo Francês, obrigando-o a expulsar Marx e outros dois jornalistas do Vorwuaerts do país. Isto obrigou Marx a se mudar com a família para Bruxelas, onde ele continua suas reflexões, entre elas o mecanismo de formação das ideologias, para o

que Marx e Engels foram buscar estudar na história de seus antepassados, como se dava sua forma de sobrevivência e descobriram que só a partir do momento que o homem começou a modificar a natureza a partir de seu trabalho, é le adquiriu liberdade. Infelizmente, o desenvolvimento do trabalho não trouxe só conseqüências positivas. Estas e outras reflexões foram sendo aprofundadas por Marx e Engels. “Com suas idéias melhor definidas, Marx sentiu necessidade de passar logo à atividade prática e procurou se entrosar com o movimento operário de Bruxelas, ingressando na Liga dos Justos e intensificando seus contatos com os dirigentes comunistas de Londres e Paris, com os quais também teve muitas polêmicas. O ano de 1847 foi de intensa atividade política para Marx, quando ele vai com Engels a Londres para o II Congresso da Liga dos Comunistas (antiga Liga dos Justos) e onde defendem arduamente suas idéias. Em conseqüência disso, são encarregados de redigirem um manifesto comunista. O Manifesto Comunista, de 1848 pode ser considerado ainda hoje, a melhor introdução ao estudo do pensamento de Marx.”

*(Fragmentos de texto extraídos do livro “Marx: vida e obra”, de Leandro Konder, 1998. De linguagem simples, este pequeno livro contém as principais idéias de Marx, além de indicar, ao final, uma boa bibliografia).*

# Escreva aqui um resumo do caderno e as dúvidas que ficaram

O TRABALHO NO CAPITALISMO: ALIENAÇÃO E DESUMANIZAÇÃO

Caderno 3 da Série "História Social do Trabalho"

Texto básico elaborado por Ana Inês Souza, Lourdes Marchi
e Maria Izabel Machado.
Subsídio referente à Terceira Etapa da Escola de Formação Básica
Multiplicadora da Economia Popular Solidária

Coordenação Geral: Coletivo de Economia Popular Solidária

Fone: 322-8487

E-mail: cefuria@cefuria.org.br
Site: www.cefuria.org.br

Curitiba, julho de 2006

Este material conta
com o apoio financeiro da

FINEP
Financiadora de Estudos e Projetos